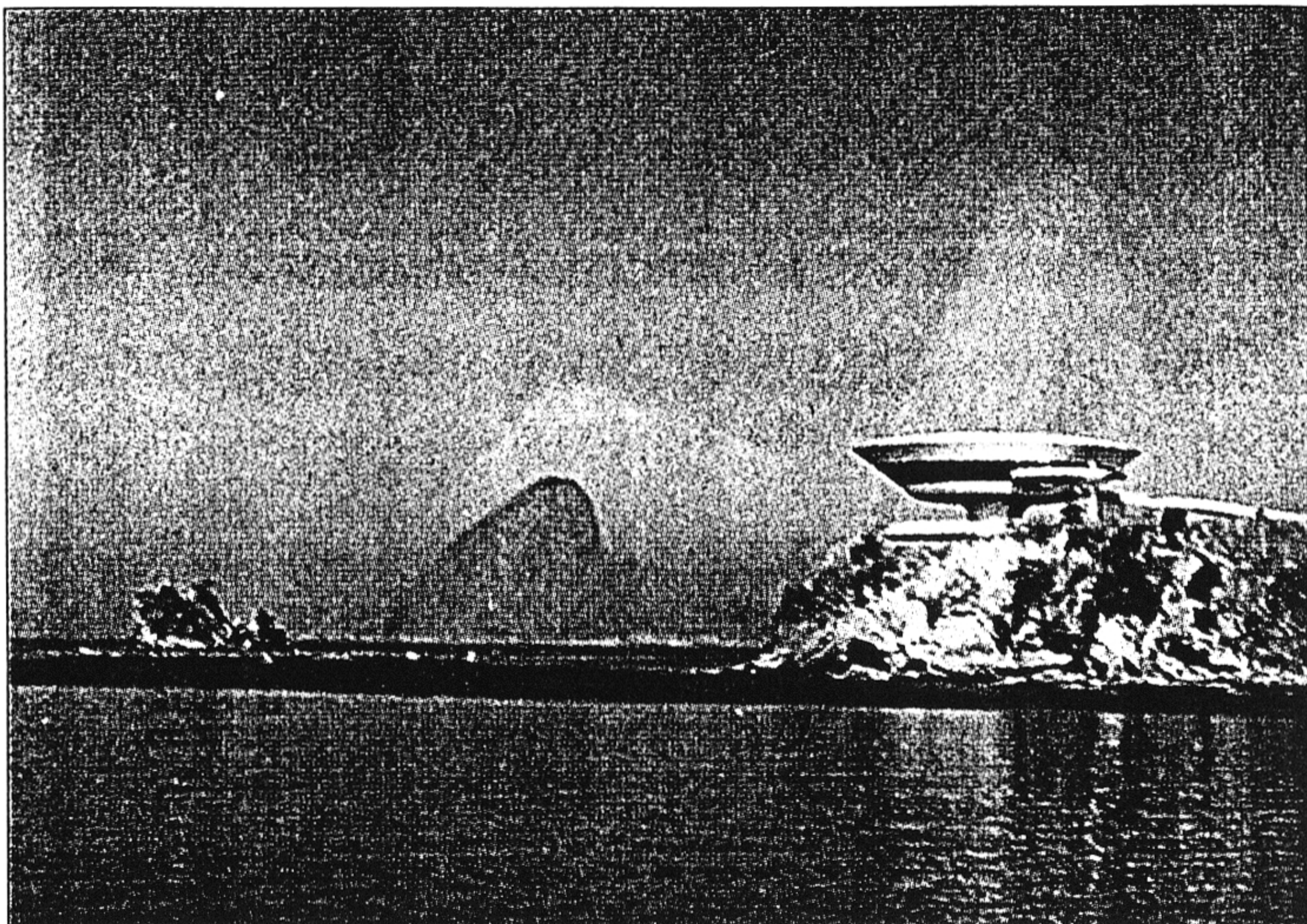
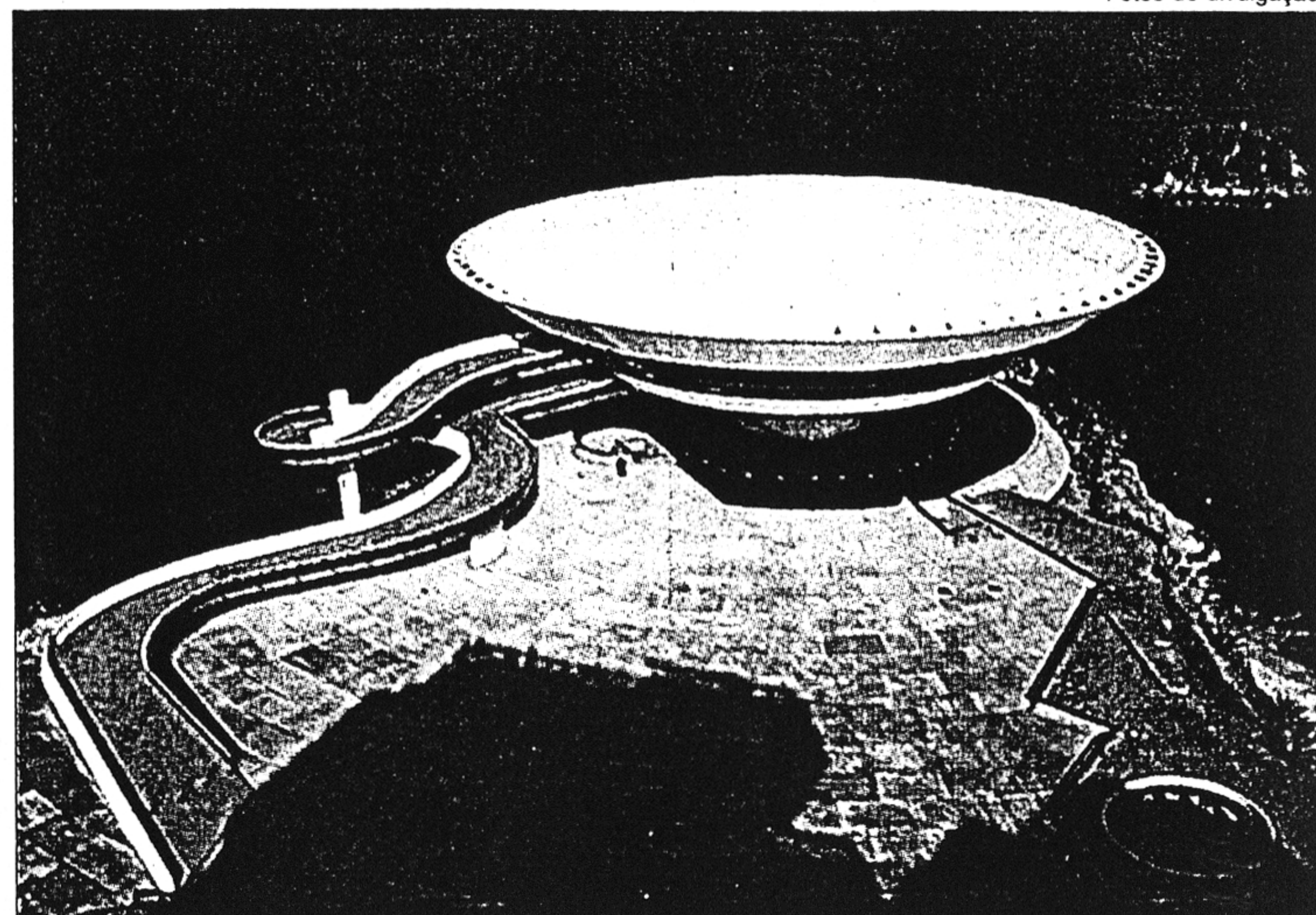


A arquitetura da poesia

Fotos de divulgação



As linhas do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (D e E) impressionaram o diretor belga Marc-Henri Wajnberg (abaixo, com Niemeyer) e inspiraram o documentário Oscar Niemeyer, um arquiteto engajado em seu século



Chega ao Brasil o premiado documentário belga sobre o Brasil visto e redesenhado pelas curvas de Niemeyer

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA

O arquiteto Oscar Niemeyer acorda hoje com idade nova – 93 anos – e mais um motivo na agenda para não deixar a data passar em branco. Depois de estrear na Bélgica e na Holanda, há dois meses, e passar com louvor por festivais europeus, chega finalmente ao Brasil o documentário *Oscar Niemeyer, um arquiteto engajado em seu século*, do belga Marc-Henri Wajnberg. A primeira sessão pública brasileira do filme acontece terça-feira no Centro Cultural Banco do Brasil (às 18h para convidados, com presença do diretor e do homenageado, e às 20h para o público, com entrada franca), e se desdobra em *premières* em São Paulo (dia 21, às 19h, no Museu da Imagem e do Som), e Brasília (também dia 21, às 19h30m, no CCBB).

Mais do que um simples filme sobre os feitos de uma personalidade, o documentário de Wajnberg procura avaliar a obra do retratado dentro do contexto histórico e cul-

tural do país. Nesse sentido, *Oscar Niemeyer, um arquiteto engajado em seu tempo* também é uma viagem através dos fatos mais marcantes dos últimos 50 anos. O filme, que ganhou dois prêmios (de crítica e de público) no Festival de Strasbourg (França) e outros dois no recém-encerrado Festival de Documentários da Espanha, repassa a trajetória do autor (junto com Lúcio Costa) do plano piloto de Brasília à luz dos acontecimentos da época, desde a era Vargas, os anos JK e a ditadura até chegar aos nossos dias – as imagens de arquivo ilustram as avaliações históricas feitas por gente como o poeta Ferreira Gullar, a socióloga Maria Alice Rezende, os compositores Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, entre outros.

Além do peso da herança arquitetônica de Niemeyer, a admiração pessoal do diretor pelo arquiteto também foi decisiva para a realização do filme. “Descobri o trabalho de Oscar Niemeyer graças ao filme *O homem do Rio* (1963), de Philippe De Broca. Mas foi somente du-



rante uma viagem ao Rio de Janeiro, no verão de 1997, que conheci uma grande obra dele de perto, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói. É impossível não se deixar impressionar pela beleza e pela graça da construção dentro da paisagem niteroiense”, conta Wajnberg, por telefone, ao **JORNAL DO BRASIL**.

Wajnberg dirigiu um documentário sobre o fotógrafo soviético Evgueni Khaldéi, autor de uma foto que, para os europeus, simboli-

za o final da Segunda Guerra: aquela em que se vê soldados soviéticos no Reichstag (o parlamento alemão), no dia 2 de maio de 1945. O filme combina o trabalho do fotógrafo, sua vida particular e a história da União Soviética contemporânea. “Eu havia descoberto um artista cujos ideais fizeram parte do século 20. Inspirado por este conceito de documentário, decidi fazer um novo retrato de um outro artista que tivesse uma obra interessante e cuja vida

estive intimamente ligada à história de seu país. Foi aí que encontrei o produtor brasileiro Roberto Viana, que me sugeriu o nome de Niemeyer. Eu conhecia as opiniões políticas dele e, de repente, me pareceu óbvio fazer um filme sobre ele, seu trabalho e seu país”, explica o diretor.

No filme, Niemeyer corresponde à generosidade do projeto e se abre completamente para a câmera. “Nunca acreditei na revolução perfeita do indivíduo, sua purificação moral, sempre estive convencido que devíamos, e que podíamos, reorganizar as estruturas da sociedade, de maneira a torná-la mais humana. É o sentido que conferi à minha vida”, diz o arquiteto no filme. Mais adiante, ele sustenta que não tem nenhum entusiasmo “pela arquitetura racionalista, com seus limites funcionais, sua rigidez estrutural, seus dogmas e suas teorias. Arquitetura é feita de sonho e fantasia, de curvas generosas e de grandes espaços livres tão ligados à nossa arquitetura colonial. Eu me lembro

como muitos me acusavam de formalismos, de penetrar em formas gratuitas que eram tão temidas. Nunca os levei a sério. O concreto armado permite expressão ao arquiteto que tem o senso de poesia. É preciso inventar, utilizando todas as técnicas que se encontram à nossa disposição. Porque se submeter a regras, a princípios intangíveis?”, pergunta.

Assim como o documentário sobre o fotógrafo russo, o diretor belga se cercou de farto material histórico e bibliográfico antes de voltar suas lentes para um personagem e uma cultura tão específicos. “Lemos tudo o que foi possível sobre Niemeyer, compramos livros sobre o Brasil, confrontamos nossa opinião com a de outros arquitetos, músicos, trabalhadores e políticos. É muito interessante mergulhar em uma outra cultura. Tentei ser o mais correto possível” avisa Wajnberg. “É por isso que o filme não tece opiniões. Ele conta tudo por si mesmo, como uma história, somente através de entrevistas e imagens de arquivo”.